

PROJETO DE PESQUISA DE PÓS-DOCTORADO

A noção de não-ser em Platão

Supervisor: Prof. Dr. Roberto Bolzani filho

Candidato: Nicola Stefano Galgano

Instituição: Universidade de São Paulo,
Departamento de Filosofia da Faculdade de
Filosofia Letras e Ciências Humanas

Resumo

Este projeto se refere à quarta etapa de um projeto maior, composto de seis etapas, que visa esclarecer a noção de não-ser na filosofia antiga. As primeiras três etapas foram concluídas e trataram do não-ser em Parmênides, do não-ser em Melisso e do não-ser em Górgias. Esta quarta etapa quer abordar o não-ser em Platão e as sucessivas tratarão do não-ser em Aristóteles e Agostinho. A pesquisa como um todo constitui uma história do não-ser na filosofia antiga. Em Parmênides o não-ser é impossível porque é cosmologicamente impossível negar o ser. Melisso transgrediu o preceito parmenidiano e começa a usar o não-ser no argumento, ainda assim o não-ser é o fundamento negativo de seu monismo radical. Górgias expõe em toda a sua radicalidade linguística a aporia da noção de não-ser.

Platão, herdeiro de todas essas doutrinas, percebe a gravidade do problema posto pela aporia eleática e decide enfrentá-lo num dos textos de mais alta feitura de toda a história da filosofia ocidental: o diálogo “*O Sofista*”. A pergunta inicial é saber se sofista, político e filósofo expressam ou não uma mesma função; dois interlocutores, o estrangeiro de Eléia e o jovem matemático Teeteto, começam a busca por uma definição do ‘sofista’. Após a escolha do método a ‘caça’ se inicia e se desenvolve até encontrar seu primeiro verdadeiro obstáculo quando a busca se depara com a noção de não-ser proposta por Parmênides. Essa é uma noção cuja locução, segundo Platão, induz quem a profere a cair em contradição, pois ‘o não-ser’, pela expressão, parece ser algo, mas na realidade ele indica exatamente o que não é. A partir do não-ser, Platão realiza uma análise cosmológica que definirá alguns princípios formais do mundo, a partir dos quais fundamentará a primeira teoria da predicação da qual se tem notícia e, por conseguinte, a primeira filosofia da linguagem.

No que diz respeito ao tema específico do não-ser, Platão acaba rejeitando e ‘superando’ a noção parmenidiana, utilizando em seu lugar uma nova noção, aquela de não-ser relativo. A pesquisa a ser realizada pretende descer nos meandros da discussão platônica, comparando a noção de não-ser atribuída por Platão a Parmênides não só com o que resta do texto parmenidiano, mas também com as noções de Melisso e de Górgias. O percurso histórico traçado pretende lançar novas luzes sobre a passagem desde o pensamento arcaico de Parmênides até aquele do período clássico de Platão. Possivelmente, será evidenciado que Platão não elimina e nem deixa para trás o pensamento parmenidiano, mas simplesmente o enriquece com novas reflexões. Isso explicaria, de certa forma, o por que o eleatismo continua ainda vivo no pensamento contemporâneo, tanto nas citações diretas de filósofos como Heidegger e Popper quanto nas influências indiretas mas marcantes de filósofos como Wittgenstein. Contudo, o intuito principal resta ainda escrever uma história do não-ser na antiguidade, independentemente de sua influência no pensamento atual.

The notion of non-being in Plato

Supervisor: Prof. Dr. Roberto Bolzani filho

Candidate: Nicola Stefano Galgano

Institution: Universidade de São Paulo,
Departamento de Filosofia da Faculdade de
Filosofia Letras e Ciências Humanas

Abstract

This Project concerns the fourth stage of a major project, a set of six parts, which aims to make clear the notion of non-being in ancient philosophy. The first three parts are completed and treated non-being in Parmenides, non-being in Melissus and non-being in Gorgias. This fourth part will study non-being in Plato whereas the next will study non-being in Aristotle and Augustin. The whole research composes a history of non-being in ancient philosophy. In Parmenides non-being is impossible, for it is cosmologically impossible to negate what-is` or `being`. Melissus transgresses the Parmenidean precept and begins the employment of non-being in reasoning; however, non-being remains the negative fundament of his radical monism. Gorgias exhibits non-being`s aporia in all its linguistic contradiction.

Plato, heir of all these doctrines, realizes the extreme importance of the problem set up by the Eleatic aporia and decides to face it in one of the most important book of all history of Western philosophy: the dialog "The Sophist". The initial question is to know if sophist, statesman and philosopher are or are not the same function; two interlocutors, the Visitor from Elea and the young Theaetetus begin the search for a definition of 'sophist'. After the choice of a method the 'hunting' begins and goes on until the appearing of the first real obstacle, when the search meets the notion of non-being of Parmenides. This is a notion that, Plato says, induces contradictions in that who employs it, for 'non-being', by locution seems to be something, whereas actually it refers to what-is-not. Starting from non-being, Plato makes a cosmological analysis that will describe some formal principles of the world, from which he will found the first known theory of predication and, hence, the first philosophy of language.

Specifically about the topic of non-being, Plato ends rejecting or 'overcoming' Parmenidean notion, and employing a new one instead, that of relative non-being. The research here intend to get deeply in the meanders of Platonic discussion, comparing the notion that Plato ascribes to Parmenides with the extant Parmenidean text and with the notions of Melissus and Gorgias. The resulting historical outline intends to cast new lights os the passage from the archaic thought of Parmenides to that of the classical period of Plato. Possibly the result will point out the fact that Plato does not reject Parmenidean thought, but simply enriches it with new reflections. This would explain why Eleatism is still alive in contemporary thought, in direct quotations of philosophers as Heidegger and Popper as much as in indirect but strong influences of philosophers as Wittgenstein. However, the main aim remains to write a history of non-being in antiquity, independently from its influence on contemporary thought.

Enunciado do problema

1. Introdução

O projeto a seguir constitui a quarta etapa de um projeto maior, composto de seis etapas, que visa esclarecer a noção de não-ser na filosofia antiga. As primeiras três etapas foram realizadas e concluídas: duas nas pesquisas de mestrado e doutorado e trataram respectivamente do não ser em Melisso (Galgano, 2010) e do não ser em Parmênides (Galgano, 2015); a terceira etapa foi desenvolvida no programa de pós-graduação na Usp e tratou do não-ser em Górgias. Desses três primeiros passos resultaram dois livros¹ e muitos artigos publicados no Brasil e no exterior. A presente etapa tratará do não-ser em Platão e as sucessivas, tendo o autor a força necessária, tratarão do não-ser em Aristóteles e depois do não-ser em Agostinho. A pesquisa como um todo constitui uma história do não-ser na filosofia antiga e pretende mostrar a enorme mudança de noção desde Parmênides, onde o não-ser é considerado impossível, até Agostinho, onde o não-ser é possuidor de infinitas possibilidades. Atualmente, a noção de não-ser utilizada pela cultura média de nossas sociedades é aquela platônico-aristotélica, reforçada, em sede filosófica por Agostinho. Todavia, em âmbitos culturais mais apurados, como por exemplo nas pesquisas acadêmicas, a noção de não-ser flutua entre aquela física de um vácuo absoluto capaz de criar matéria, aquela lógica de um não-ente capaz inclusive de permitir a criação de mundos impossíveis até aquela metafísica das reflexões niilistas contemporâneas. Especialmente nesse âmbito mais avançado, a pesquisa atual busca referências históricas que possam dar suporte às novas conceituações. Um lugar alternativo à visão platônico-aristotélica é exatamente aquele anterior ao período dos dois grandes filósofos, isto é, é o lugar do pensamento pré-platônico, ou seja, aquele que ainda não sofrera a pesada influência de Platão e Aristóteles. Isso explica o interesse cada vez maior nesse autores ao menos desde Nietzsche, na filosofia, e ao menos desde o desenvolvimento de visões anti-intuitivas na Física a partir das conceituações quânticas e relativistas.

O não-ser é uma noção que comparece abruptamente pela primeira vez no ocidente com Parmênides de Eléia, como uma noção inteiramente aporética, suscitando reações de assombro entre os pensadores dos 100-150 anos seguintes. Um pensador de sua própria “escola”² (de cujo discipulado presencial, porém, não se tem certeza), Melisso de Samos, modifica algumas noções parmenidianas entre as quais – como foi mostrado no meu trabalho de pesquisa específico sobre o tema Galgano, 2010) – a noção de não-ser.

Enquanto a noção de não-ser em Parmênides é uma noção totalmente abstrata, com Melisso começa a receber certa entificação, processo que levará lentamente, muito tempo depois, à noção de zero matemático. Esta entificação é analisada de forma hipotética por Górgias, filósofo de Lentini, criador da arte retórica e um dos mais eminentes sofistas da primeira geração. Górgias, para entificar o não-ser, assimila-o inteiramente ao ser, chegando a uma formulação aporética articulada, passo a passo, por aporias conduzidas logicamente. O texto onde ele procede a esta análise, um dos pouquíssimos textos de sua autoria (dos muitos que ele

¹ O livro com o estudo sobre o não-ser em Parmênides foi publicado em italiano na Itália (Galgano, 2017) e o mesmo será publicado em português no Brasil pela Paulus, previsão outubro 2018. O livro sobre o não-ser em Melisso está previsto em italiano, (*La trasgressione di Melisso*) pela mesma editora para setembro de 2018; no Brasil ainda não há previsão.

² Ver mais à frente na pag. xx

escreveu) que chegaram até nós, chama-se *Do não ser ou da natureza* (περὶ τοῦ μὴ ὄντος ἢ περὶ φύσεως).

Com Melisso, que dá ao não-ser uma característica linguística, tornando-o elemento do discurso (contra os preceitos de Parmênides) e com Górgias, que de fato realiza o discurso aporético com o não-ser, se abrem as condições conceituais para Platão realizar sua própria reflexão no diálogo *O sofista*, um dos maiores livros filosóficos da humanidade. De fato, Platão entifica o não-ser e o torna ser, mas o faz atribuindo o sentido do não-ser a outro, isto é, ‘não-ser’ passa a significar ‘não-ser este’ ou simplesmente ‘outro’, pois, se este não é, então é outro.

A cultura ocidental se satisfaz com a conceituação platônica e a adotou definitivamente. Depois de Platão, a discussão culta sobre o não-ser sofreu uma bifurcação; por um lado foi aproveitada por Aristóteles em sua teoria cosmológica de matéria e forma, permanecendo desde então na linguagem científica até a renascença; por outro lado, o não-ser assumiu a noção entificada de algo que pode ser misturado gradualmente ao ser, suportando todo tipo de cosmologias que redundarão primeiro no movimento gnóstico e finalmente no conceito da filosofia cristã de uma hierarquia de seres entre o ser Absoluto, Deus, e, descendo em escala, o não-ser absoluto. Estas últimas noções, que incluem a criação do mundo *ex nihilo*, estão distantes não só de Parmênides, Melisso e Platão, mas até mesmo de toda a filosofia grega.

A partir do século IV d. C., o interesse para o não-ser declina, reaparecendo somente mais de um milênio depois. É encontrado nas especulações da escolástica, no primeiro romantismo e, eminentemente, com Hegel e sua dialética. De lá para cá, a situação mudou inteiramente, primeiro na filosofia, com o movimento pós-romântico, onde Nietzsche se faz explicitamente porta-voz do niilismo; depois na matemática (principalmente na filosofia da matemática) e na lógica, que se dedicaram a uma reavaliação de seus fundamentos. Assim, no século XX, por um lado, Heidegger utiliza o não-ser como uma das duas alternativas na assim chamada pergunta fundamental (1955) e, por outro lado, as pesquisas de lógica se aventuram em mundos impossíveis cada vez mais atinentes à problemática do não ser (como pode ser visto, em alguns títulos de lógica, por exemplo, Priest, 2005).

2. Platão e ‘O Sofista’

É opinião comum entre os estudiosos que Platão, de volta de suas viagens na Sicília, tendo se aprofundado ali sobre o eleatismo, revisou criticamente sua anterior doutrina das ideias realizando uma extraordinária autocrítica na fase mais madura e avançada de sua atividade filosófica. Dessa revisão resultaram as obras da assim chamada terceira fase, que reportam afinal os tesouros filosóficos mais profundos e que se colocam entre os mais valorosos de toda a história do pensamento ocidental. A este grupo de obras pertence o ‘*Sofista*’, que nos interessa mais de perto, porque embora Platão fale do não-ser em outras obras – como por exemplo, na *República* (*Resp.* 476 c -479 d) – é no *Sofista* que ele expõe sua doutrina mais completa sobre esse tema. Aqui, em âmbito de projeto, não farei referências a essas outras obras mas falarei exclusivamente do *Sofista*, texto de per si complexo o suficiente para justificar a imensa literatura crítica que existe a respeito.

2.1 Generalidades sobre o Sofista

Neste projeto não será apresentado o quadro histórico-filosófico da obra platônica onde se insere o *Sofista*. Entre as muitas razões que eu poderia alegar, lembro aqui somente duas. A primeira é que se trata de assuntos amplamente conhecidos pelos estudiosos e ao mesmo tempo, muitas vezes com passagens que ensejam controvérsias e discussões que não tocam diretamente o tema aqui tratado. A segunda é que a pesquisa desse projeto pretende se concentrar sobre o tema do não-ser, o que seria impossível se se dissipasse nos muitos meandros oferecidos tanto pelo diálogo em questão (de riqueza inesgotável) quanto pela ligação desse último com a complexa obra filosófica de Platão. Então não serão nem apresentados e nem discutidos assuntos e problemas famosos apresentados no *Sofista*, tais como o estatuto do ‘ser’ (se não no que diz respeito à análise do não-ser), a relação entre os seres, a *koinonia*, a participação, a autopredicação e toda a complexa problemática apresentada por Platão em relação aos sumos gêneros. Aqui, as generalidades se limitarão a apresentar as divisões e subdivisões do diálogo e os principais temas de cada divisão, procurando mostrar o recorte previsto pela pesquisa, delimitando o tema em foco e excluindo o resto. Como se verá, o foco consiste no problema do falso, que é o problema específico onde se insere a discussão sobre a semântica do não-ser e de suas aporias³.

Assim, para os fins de recorte e delimitação do tema, relembro que o *Sofista* tem o propósito de definir a figura do sofista, um dos três momentos previstos para esclarecer se sofista, político e filósofo se referem à mesma atividade ou a três atividades diferentes. Platão, depois escreverá “*O político*”, com o propósito de definir a figura do político, mas não escreverá um diálogo, como era de se esperar, destinado a analisar a figura do filósofo. O *Sofista* apresenta três partes, a primeira e a terceira tratam do mesmo tema, a definição do sofista pelo método da divisão, enquanto a segunda, que é uma parte central, apresenta e resolve alguns problemas relativos à falsidade.

Na primeira parte (216 a1 – 236 d4), Sócrates introduz um novo personagem⁴, um autêntico filósofo, estrangeiro de Eléia (mas não pertencente à escola eleática⁵). Com ele dialogará o jovem Teeteto. O estrangeiro propõe um método, o método da divisão (*diairesis*), e cautelosamente, antes de entrar no vivo da análise, ele é testado para verificar seu funcionamento e obter a concordância de todos os presentes para com seu uso. O teste é feito com a noção de ‘pesca com o anzol’ e em seguida se inicia a busca, ou melhor, a caça ao sofista. São dadas seis definições de sofista, cada vez acrescentando atributos mais específicos. Todavia, ao se começar a sétima definição surge um problema: o sofista parece ter se escondido num lugar de onde é difícil extrai-lo. Esse problema dá motivo para um longo desvio (segunda parte, 236 d5 – 264 b10), que constitui o núcleo do diálogo e que é a parte que nos interessa mais diretamente. Se trata de superar o obstáculo representado pelo preceito de Parmênides a respeito do não-ser. Na terceira parte (264 b11 – 268 d5), o longo desvio, do qual falarei no próximo parágrafo, parece alcançar sua meta: a noção de não-ser de Parmênides é superada e

³ Outras divisões são possíveis em função do interesse específico de cada estudo. Um exemplo é a divisão apresentada por Marques (2006, p. 449, anexo I) completamente diferente daquela apresentada aqui, pois é uma divisão segundo uma lista, não hierarquizada, dos temas tratados.

⁴ Personagem novo em relação à discussão que acontecera no dia anterior, relatada no diálogo *Teeteto*, e que continua no dia seguinte nesse diálogo *Sofista*. (Cfr. Kahn, 2007).

⁵ Esse ponto foi levantado recentemente por Cordero (2013) e se baseia numa má interpretação dos manuscritos em 1561. O Estrangeiro não seria ‘companheiro (ἑταῖρος) dos companheiros de Parmênides’ mas ‘diferente (ἕτερος) dos companheiros de Parmênides’.

substituída por uma nova noção a de não-ser enquanto outro. Agora, finalmente, é possível proceder à definição do sofista.

2.2 O núcleo do diálogo (236 d5 – 264 b10)

A parte central se apresenta porque, na tentativa de definir o sofista, este é descrito como alguém que diz o falso e suscita falsas crenças; todavia, essa tentativa se choca com o paradoxo do falso, apresentado como objeção. O paradoxo do falso é um conjunto de argumentos (há vários argumentos que diferem sutilmente uns dos outros) cuja conclusão é que é impossível dizer falsidades e acreditar em falsidades. Tal paradoxo precisa ser resolvido e, para tanto, essa parte do diálogo põe em campo diversas questões. A discussão toda pode ser dividida em duas partes:

- 1) uma parte aporética (236 d5 – 251 a4);
- 2) uma parte construtiva (251 a5 – 264b10).

A parte aporética trata de muitas afirmações desconcertantes, autênticos *puzzles* e se subdivide, por sua vez, também em duas partes:

- 1a) a primeira (236 d5 – 242 b5) contém aporias relativas ao não-ser, imagens, sentenças falsas e crenças falsas;
- 1b) a segunda (242 b6 – 251 a4) mostra que o ser não é menos problemático que o não-ser.

A parte construtiva também é composta de duas partes:

- 2a) a primeira (251 a5 – 259 d8) analisa as predicções⁶ negativas a partir da noção de diferença, desenvolvida sobre um não-ser livre de paradoxos;
- 2b) a segunda (259 d9 – 264 b10) utiliza esse mesmo não-ser para explicar as sentenças e as crenças falsas.

Após a apresentação geral da questão do falso, esperei o que trata cada uma dessas partes.

2.3 O paradoxo do falso

A questão principal da seção central como um todo é entender como é possível dizer coisas falsas e acreditar em falsidades, pois, o paradoxo do falso não permitiria nem uma coisa e nem outra. Esse paradoxo, como apresentado no *Sofista*, segue esse argumento:

- 1) Dizer o que é falso significa dizer o que não é;
- 2) É impossível dizer o que não é;

⁶ O termo ‘predicação’ não deve ser aqui entendido em sentido lógico estrito mas no sentido gramatical lato. Ao menos desde Cornford (1935, p. 268-269) se entende como impróprio o uso de uma categoria aristotélica e pós-aristotélica na filosofia platônica. Segundo Marques (2006, p. 396, n. 23) “O termo ‘predicação’ implica numa distinção entre sujeito substancial e predicado [...] em Platão, a proposição expressa a mistura entre duas formas e não se traduz nos termos formais do silogismo. [...] A predicação para Platão não é um problema lógico, mas dialético e ontológico.” (Marques, 2006, p. 396, n. 23).

3) Logo, é impossível dizer falsidades.

Em relação ao ponto 2, há um argumento subordinado:

- 2.1) Dizer o que não é implica não dizer o que é;
- 2.2) Não dizer o que é implica não dizer nenhuma coisa;
- 2.3) Não dizer nenhuma coisa implica não realizar o ato de dizer;
- 2) Logo, é impossível dizer o que não é.

Argumentos similares levam à conclusão de que é impossível ter falsas crenças.

Platão não aceita o fato de que seja impossível falar falsamente ou de acreditar em falsidade, pois está convencido não só de que tais coisas sejam possíveis, como também de que sejam reais. A refutação da impossibilidade tem como alvo o ponto 2, a afirmação da impossibilidade de dizer o que não é (e analogamente de acreditar no que não é). Para fundamentar essa recusa Platão utiliza uma estratégia específica que passo a descrever e que é diferente dos argumentos utilizados por filósofos atuais. Muitos dos filósofos atuais contestam o ponto (2) e também o (2.1) simplesmente fazendo uma diferença entre ‘ser’ predicativo ou veritativo e ‘ser’ existencial determinando assim a formulação proposicional; por exemplo: ‘Teeteto-está-sentado’, verdadeiro; ‘Teeteto-voa’, falso onde a expressão mira um único alvo. Platão argumenta de outra maneira. Para ele, a pessoa que fala falsamente *diz o que não é* porque diz algo ao que *não cabe* àquilo do qual se está dizendo o falso. Em outras palavras, para ele numa expressão há um x e um y onde alguém diz x de y . Se alguém afirma a sentença ‘Teeteto está sentado’, então afirma o caráter ‘sentado’ referido a Teeteto; o mesmo acontece se alguém diz ‘Teeteto voa’, onde se afirma o caráter ‘voa’ a respeito de ‘Teeteto’. Aqui, o ato da expressão mira dois alvos distintos: Teeteto e o que se diz de Teeteto.

Para Platão, dizer o falso seria de início o mesmo que dizer *o que não é*, portanto a solução que ele oferece é que, numa sentença afirmativa se se diz x a respeito de y tal que x não cabe a y , disso não segue que x não existe. Mesmo porque, se tal se desse, a expressão perderia um de seus objetos e, de novo, falar falsamente seria impossível. Portanto, para mostrar que ‘se x não diz respeito a y disso não segue que x não existe’, ele oferece uma análise da negação, ou seja, uma explicação do que significa que x não é tal coisa. A análise quer mostrar que se x não é tal coisa, disso não segue que x não é. Na etapa sucessiva Platão substitui ‘tal coisa’ com ‘a respeito de’, obtendo o resultado esperado: se x não é a respeito de y , disso não segue que x não é. Para essa análise, Platão recorre ao conceito de ‘diferença’, pois x não ser tal coisa significa que é diferente de tudo que seja tal coisa. Por exemplo, se Sócrates não é um poeta, Sócrates é diferente de qualquer coisa que seja poeta. Mas, se x é diferente de tudo que não é tal coisa, disso não segue que x não existe.

A análise da negação é relevante para o caso especial do falso, pois o não ser a respeito de algo desempenha uma função no falso. Dado que x não é tal coisa, x é diferente de tudo que é tal coisa, ao substituirmos ‘tal coisa’ por ‘a respeito de’ obtemos que se x não diz respeito a y então x é diferente de tudo que diz respeito a y . Por exemplo, a sentença ‘Teeteto voa’ é falsa porque afirma que voar diz respeito a Teeteto; por outro lado, voar não diz respeito a Teeteto exatamente porque é diferente de tudo que diz respeito a Teeteto. Todavia, o fato de que voar seja diferente de tudo que diz respeito a Teeteto não torna o voar não existente. Isso elimina qualquer tentativa de dizer que ‘Teeteto voa’ não pode ser falso, porque se pudesse não ser

falso, isso significaria que o que é dito a respeito de Teeteto não existiria porque não seria a respeito dele.

Essa proposta platônica pode ser objeto, e foi e é, de muitas críticas, algumas das quais apresentadas pelo próprio Platão e por ele respondidas de alguma forma. Um exemplo seria o *status* das sentenças negativas. Pois, ao afirmar que x é y pode configurar falsidade já que um não- x não é um nada – logo a falsidade pode ser pronunciada –, mas tão somente um outro ‘algo que é’ um algo diferente. Todavia, não fica clara a configuração de x não é y , porque pode se dar o caso que uma negação possa dizer respeito a um determinado sujeito. Por exemplo, na sentença ‘Teeteto não está sentado’ não se pode dizer que ‘não estar sentado’ não diz respeito a Teeteto. Platão dá algumas respostas a essa objeção, mas esta discussão não pode ser reportada aqui. Aqui o intuito é apenas apresentar as generalidades da impostação de Platão e do porque ele recorre à análise do não-ser e dos demais temas. Portanto, depois dessa breve introdução, passarei a falar brevemente de cada uma das etapas propostas por Platão em sua análise.

2.4 (1a) As aporias do não-ser

A parte do diálogo destinada às aporias do não-ser (236 d5 – 242 b5) pode ser subdividida em cinco partes:

- 1) Introdução às dificuldades que preocupam essa área de pensamento (236 d5 – 237 b7);
- 2) Três argumentos relativos à impossibilidade de dizer o que não é (237 b7 – 239 c8);
- 3) Um argumento relativo ao conceito de que imagem implica contradição (239 c9 – 240 b6);
- 4) Um argumento relativo à impossibilidade de acreditar ou dizer o que é falso (240 c7 – 241 b4);
- 5) Um índice das dificuldades encontradas e um esboço das medidas a serem tomadas para permitir superá-las (241 b4 – 242 b5).

2.5 (1b) As aporias do ser

A parte destinada à discussão das aporias do ser é composta por dois grupos de argumentos e mais uma terceira parte conclusiva:

- 1) Aporias relativas ao número de seres (243 d6 – 245 e5);
- 2) Aporias relativas às características compartilhadas por todos os seres (245 e6 – 249 d8);
- 3) Novas aporias relativas à confusão entre as sentenças utilizadas para o próprio gênero ‘ser’ (249 d9 – 250 d4) e conclusão aporética (250 d5 – 251 a4).

2.6 (2a) Predicações negativas e diferença

A parte construtiva, onde Platão começa a oferecer suas soluções, pode ser dividida em sete partes:

- 1) As aporias dos que começam a aprender tarde (251 a5 – 251 c5);
- 2) A mistura dos gêneros (251 c8 – 255 a3);

- 3) Identidade e diferença diferem de mudança e estabilidade (255 a4 – 255 b7);
- 4) Identidade é diferente de ser (255 b8 – 255 c8);
- 5) Diferença é diferente de ‘ser’ (255 c9 – 255 e7);
- 6) Sentenças aparentemente inconsistentes (255 e11 – 256 d10);
- 7) Não-ser e diferença (256 d11 – 257 a12)

Ainda se pode acrescentar a seguinte divisão:

- 1) A discussão sobre o não-ser (257 b1 – 257 c4)
- 2) Os gêneros negativos (257 c5 – 257 d13)
- 3) O ser do não-ser (257 d14 – 259 b8)

2.7 (2b) Sentenças falsas e falsas crenças

A segunda metade da parte construtiva:

- 1) Discussão sobre o discurso (259 d9 – 262 e10);
- 2) O discurso falso (262 e11 – 263 d5);
- 3) O pensamento como discurso silencioso e as falsas crenças (263 d6 – 264 b5);

3. Formulação do problema da pesquisa

O *Sofista* discute na sua parte central temas eminentemente eleáticos. Isso não se deve apenas às citações do poema de Parmênides reportadas por Platão, mas mais propriamente à temática, que, como passo a mostrar, pode ter sido iniciada pelo próprio Parmênides. De fato, é necessário fazer uma pequena correção à visão histórica padrão do eleata. Como se sabe, a fragmentária obra parmenidiana de que dispomos não chegou até nós diretamente mas através de citações de comentadores de Platão e Aristóteles. Platão e Aristóteles são fortemente críticos da filosofia parmenidiana e, por isso, os comentadores, em geral, acabaram formando uma ideia de Parmênides bastante negativa. Esta imagem persistiu e, até a primeira metade do século XX, se lia Parmênides com os filtros críticos platonísticos (dos platonistas, não de Platão). Estudos mais recente (da segunda metade do sec. XX) perceberam esta distorção e começaram um trabalho de retirada da pátina platonística depositada durante séculos na obra parmenidiana. Este trabalho está em andamento, mas já rendeu frutos que não podem não ser levados em conta. No que diz respeito ao *Sofista*, essas recentes pesquisas evidenciaram várias questões, e em relação ao presente projeto é necessário notar ao menos duas delas:

- 1) o tema da verdade e da aparência não estão presentes no poema de Parmênides, como muitos antigos críticos pensavam, mas são uma preocupação de Platão, projetada pela crítica retroativamente sobre Parmênides;
- 2) o tema do verdadeiro e do falso está já presente em Parmênides e é sua preocupação central (DK B 1.28-30), Platão o retoma em várias obras mas também e principalmente no *Sofista*.

Para justificar esses dois pontos seriam necessárias muitas providências, principalmente relativas à linguagem usada por Parmênides, onde a palavras ‘falso’ (*pseudēs* e seus cognatos) nunca aparece; o mesmo vale para as noções de verdade e verdadeiro, muito diferentes em Parmênides e em Platão; também seria necessário fazer distinções em relação ao

desenvolvimento dos instrumentos lógicos utilizados nos argumentos, muito mais incipientes em Parmênides e muito mais elaborados em Platão. Essa discussão – que não pode ser reportada aqui – tem grande interesse histórico e além disso representa um modelo metodológico importante que motiva a revisão das noções platônicas à luz dos novos resultados das pesquisas sobre Parmênides. Devido à importância desse modelo metodológico, que de fato é o modelo que justifica a pesquisa, direi brevemente algumas palavras sobre isso.

3.1. O modelo metodológico

Nos anos 50-60 do século passado M. Untersteiner mudou o rumo dos estudos parmenidianos ao mostrar que a filosofia parmenidiana não era, como todos pensavam, uma filosofia do ‘um’ pois esse tema não era tratado por Parmênides. Quando muito, ele dizia (1979, p. XXVII), se tratava de uma filosofia do ‘todo’ (*oulos*). A sugestão de que Parmênides era o filósofo do ‘um’ tinha claramente origem em Platão que faz de Parmênides a personagem principal de seu homônimo diálogo onde se trata exaustivamente do ‘um’. A partir de Untersteiner, os estudos da influência do platonismo sobre a nossa visão de Parmênides se intensificaram e levaram a resultados importantes: a inexistência de uma disputa entre heraclitianos e parmenidianos, a forte presença da linguagem épica, a presença de influências religiosas de matriz órfica, a eliminação do terceiro caminho, a inexistência de uma escola eleática assim como preconizada no *Sofista* (242 d4), a revalorização da figura do Parmênides cientista que apresenta muitas e importantes descobertas da segunda parte do poema⁷. Eu próprio colaborei com ao menos duas descobertas importantes no poema de Parmênides, o peso da noção do não-ser na reflexão parmenidiana, igual ou até superior àquele do ser, e a presença no poema de uma teoria da mente que revela um aspecto de sua personalidade jamais estudado antes, o Parmênides refinado psicólogo, observador do comportamento da mente humana (Galvano, 2017).

Como consequência desses estudos, outras reavaliações estão sendo processadas. É o caso de Melisso. Tradicionalmente, se entendia Melisso como um seguidor e continuador da “escola eleática”; muitas vezes, passagens obscuras do poema de Parmênides eram interpretadas com a ajuda do texto de Melisso, supondo que o discípulo, em prosa, estivesse articulando e deixando mais claro o pensamento do mestre, aparentemente escondido na ambígua forma poética. Estudos recentes mostram que não só não deve ter existido uma escola eleática assim como descrita no *Sofista*, mas as “discrepâncias” entre o pensamento de Parmênides e Melisso não se devem ao fato de Melisso não ter entendido “o grande e terrível” Parmênides mas possivelmente ao fato de Melisso ter sido um crítico de Parmênides (Pulpito, 2018). Em outras palavras, Melisso, embora trate de temas eleáticos, deve ter sido um pensador com boa autonomia e bastante distante de uma suposta homogeneidade de pensamento de um ‘*eleatikon ethnos*’, provavelmente inventado por Platão. Uma consequência similar pode ser observada nos estudos sobre Górgias, onde, ao menos desde Mazzara, se ‘redescobre’ um Górgias ontologista muito diferente daquele desenhado (e, em parte, desdenhado) por Platão (Giombini, 2012).

Essas reavaliações e revalorizações acabam determinando a necessidade de uma revisão da própria obra platônica, pois se esses autores não se configuram como Platão (e depois Aristóteles) nos legou, se torna necessário visitar o pensamento platônico, para determinar

⁷ Sobre a ausência de disputa, cfr. Mansfeld, 1960; sobre a linguagem épica, cfr. Mourelatos, 2008; sobre a influência órfica, cfr. Burkert, 1969; sobre a inexistência de um terceiro caminho, cfr. Cordero, 1984; sobre a inexistência de uma escola eleática, cfr. Cordero, 1991; sobre o Parmênides cientista, cfr. Rossetti, 2017.

melhor a real relação entre o ateniense e os seus filósofos de referência. No nosso caso, no caso do estudo do não-ser, os filósofos de referências de Platão são Parmênides, Melisso e Górgias, principalmente o primeiro, porque citado diretamente, mas já levando em conta as elaborações mais ou menos críticas e certamente diferentes dos outros dois autores. Assim, o mesmo modelo metodológico aplicado aos pré-platônicos pode e deve ser aplicado a Platão, dessa vez não buscando retirar a pátina platônica de autores pré-socráticos, mas tentando entender melhor em que consiste exatamente essa pátina, essa influência que foi tão importante e que se depositou retroativamente ao longo do tempo sobre autores que o antecederam, recobrando-os com um véu que em parte transfigurou seu legado.

3.2 O enunciado do problema.

Estabelecido o recorte e apresentado o método, penso que se possa finalmente apresentar o problema. Dentro de um quadro geral de uma revisão completa e profunda das relações entre Platão e seus predecessores, dentro da revisão da relação do pensamento pré-platônico (ou, pré-socrático) e na linha do estudo da historicamente importantíssima noção de não-ser na antiguidade, este projeto específico se destina a esclarecer a noção de não-ser em Platão, procurando esclarecer simultaneamente a relação da conceituação platônica com aquela dos que o precederam; a pesquisa verterá principalmente sobre o “*O sofista*”, diálogo privilegiado da discussão sobre o não-ser, mas também sobre passagens específicas de outros diálogos platônicos.

No “*Sofista*” em particular, a pesquisa pretende investigar mais precisamente o problema da expressão do falso e sua relação com a contradição, condição que emerge ou não em função de diferentes noções de não-ser. Para tanto, deverão ser enucleadas as várias acepções utilizadas por Platão na análise das aporias do não ser (236 d5 – 242 b5), nos três argumentos relativos à impossibilidade de dizer o que não é (237 b7 – 239 c8) e naqueles sobre contradição da imagem e a impossibilidade de dizer o falso (239 c9 – 241 b4). Sucessivamente será analisada a inteira sessão sobre as predicções negativas (251 a5 – 259 b8) e a noção de ‘outro’. Essas análises irão mostrar não somente as acepções de não-ser mas também a noção platônica de contradição. Os demais temas apresentados por toda a parte central serão levados em conta e analisados, mas sempre em função do esclarecimento da noção de não-ser e nunca por si próprias. Por exemplo, emergirá uma doutrina das formas, mas esta não será estudada por si ou criticada; outro exemplo, emergirá uma doutrina da predicção, esta também não será estudada por si ou criticada; estas e as demais sugestões do riquíssimo cabedal platônico serão tão somente consideradas na medida e em função de sua relação com a noção de não-ser.

Finalmente, será necessário investigar por qual motivo Platão opta pela “superção” (258 c) da noção parmenidiana e qual é a natureza dessa superção. De fato, Parmênides dissera que há uma via que não deve ser seguida, a via do não-ser. Mas Parmênides insiste no fato de que há essa via, isto é, é uma via do pensar, portanto uma parte intrínseca ao funcionamento cognitivo humano e não pode simplesmente ser desconsiderada; pelo contrário, Parmênides mostra no fr. 8 que o raciocínio epistêmico deve sempre lembrar a impossibilidade do não-ser, exatamente para não cair na armadilha de um raciocínio contraditório. Para Parmênides, longe de ser abandonado, o não-ser deve ser mantido presente como obstáculo virtual de raciocínio, para que ele possa ser superado. O problema específico da pesquisa é investigar se Platão, por um lado, aceita esse critério parmenidiano e simplesmente, tendo aceitado o não-ser de Parmênides, ele procura prosseguir, ir adiante, aprimorar e portanto propõe um novo não-ser;

ou se, por outro lado, Platão não aceita e rechaça o não-ser parmenidiano e a ele substitui sua nova concepção de ‘não-ser enquanto outro’.

O esclarecimento da noção de não-ser em Platão, seu uso na predicação e o processo histórico implicado pela superação da noção parmenidiana são, em resumo, os três problemas principais da pesquisa.

Resultados esperados

O principal resultado esperado é o esclarecimento da passagem do não-ser de Parmênides ao não-ser de Platão e, mais especificamente, o esclarecimento dos motivos do abandono da noção parmenidiana: se a nova noção de Platão se acrescenta àquela de Parmênides ou se a substitui. A busca desse resultado obriga à análise e revisão de toda a reflexão platônica sobre o não-ser, formando assim um panorama importante e macroscópico de sua concepção a respeito. Esse último é o resultado macroscópico esperado: a descrição da concepção de não-ser em Platão, vindo a completar mais uma etapa da história do não-ser na antiguidade.

Desafios científicos e tecnológicos e os meios para superá-los

O presente estudo se utilizará de instrumental clássico: filologia, história da filosofia, crítica filosófica; além disso serão acrescentadas análises lógicas principalmente clássicas e com uma atenção, lá onde possível, a análises lógicas não-clássicas.

Cronograma de execução do projeto

O projeto se desenvolve no prazo de dois anos, assim divididos:

Etapa 1. Levantamento e leitura seletiva da bibliografia. Tempo estimado: seis meses.

Etapa 2. Leitura crítica. Tempo estimado: um ano.

Etapa 3. Redação de artigo acadêmico: seis meses.

Disseminação e avaliação

O instrumento principal de disseminação nesta área permanece o artigo científico em revistas próprias, principalmente de filosofia antiga mas também de lógica, especificamente de história da lógica antiga. Assim, é prevista a produção de ao menos um artigo científico relatando a pesquisa e seus resultados, a ser publicado em revista especializada, brasileira ou estrangeira.

Além do artigo será redigido um livro, na sequência dos já publicados ou em via de publicação cujo assunto (título não comercial) será ‘O não-ser em Platão’.

Outros apoios

O único apoio previsto como possibilidade para um melhor aprimoramento da pesquisa como um todo, seria um período de pesquisa no exterior com algum especialista no assunto. Mas esta possibilidade está ainda em fase de verificação.

Bibliografia

A bibliografia a ser utilizada se divide em duas grandes áreas, a saber: a bibliografia relativa ao eleatismo e aquela relativa ao platonismo em geral e ao diálogo “*O Sofista*” em particular.

A bibliografia relativa ao eleatismo é imensa, mas, nos seus textos mais significativos relacionados à ontologia, lógica e linguagem, foi amplamente visitada pelo pesquisador em seus trabalhos de mestrado e doutorado, com quase trezentos títulos ali citados.

A bibliografia relativa ao platonismo é notoriamente inexaurível e mesmo aquela somente relativa ao “*Sofista*” é imensa. A estratégia de leitura se desenvolverá então, num desenho de leque ou como uma pirâmide invertida, onde as leituras clássicas formarão a ponta colocada em baixo e as leituras mais recentes formarão a base colocada em cima. Em outras palavras, mantendo-se como referência alguns clássicos como Cornford e Rosen, a bibliografia se estenderá ao máximo na produção recente dos últimos 20-30 anos, que incluem a revisão dos pré-socráticos e os novos estudos filológicos sobre o *Sofista*. A bibliografia apresentada a seguir consiste nos títulos citados neste projeto.

BIBLIOGRAFIA CITADA NESTE PROJETO.

Burkert, W. (1969) Das Proömium des Parmenides und die "Katabasis" des Pythagoras. In *Phronesis*, vol. 14, n. 1, p. 1-30. Ed. Brill.

Cordero, N. L. (1984) *Les deux chemins de Parménide. Édition critique, traduction, études et bibliographie*. Ed. Vrin, Paris et Ousia, Bruxelles.

Cordero, N. L. (1991) L'invention de l'école éléatique: Platon, *Sophiste*, 242 d. In *Études sur le Sophiste de Platon*, ed Bibliopolis, Napoli.

Cordero, N. L. (2013) El extranjero de Elea, ‘compañero’ de los parmenídeos... desde 1561. In *Methexis XXIII*, p. 1-8.

Cornford, F. M. (1935) *Plato's theory of knowledge, the "Theaetetus" and the "Sophist" of Plato*. Ed. Kegan Paul, London.

Galgano, N. S. (2010) *A transgressão de Melisso*. Dissertação de mestrado, Usp, São Paulo.

- Galgano, N. S. (2015) *O preceito da Deusa*. Tese de doutorado, Usp, São Paulo.
- Galgano, N. S. (2017) *I precetti della dea. Non essere e contraddizione in Parmenide di Elea*. Ed. Diogene Multimedia, Bologna.
- Geymonat, L. (1970), *Storia del pensiero scientifico e filosofico*, Milão.
- Giombini, S. (2012) *Gorgia epidittico*. Ed. Aguaplano, Passignano s. T.
- Heidegger, M (1955) *Was ist Metaphysik?* Ed. Klostermann, Frankfurt am Main.
- Kahn, C. H. (2007) Why is the *Sophist* a sequel to the *Theaetetus*? In *Phronesis*, 52, p. 33-57.
- Mansfeld, J. (1960) *Die Offenbarung des Parmenides und die menschliche Welt*. Assen.
- Marques, M. P. (1997) *O caminho poético de Parmênides*. Ed. Loyola, São Paulo.
- Marques, M. P. (2006) *Platão pensador da diferença. Uma leitura do Sofista*. Ed. UFMG, Belo Horizonte.
- Mourelatos, A. (2008) *The route of Parmenides*. 2a edição, Ed. Parmenides Publishing, Las Vegas.
- Pulpito, M. (2018) Melisso critico di Parmenide: una rivalità mimetica. In *Archai*, 22. Jan.-Apr., p, 17-40.
- Priest, G. (2005) *Towards non-being*. Ed. OUP, Oxford.
- Rossetti, L. (2017) *Un altro Parmenide*, vol. I-II. Ed. Diogene Multimedia, Bologna.
- Untersteiner, M. (1979) *Parmenide, testimonianze e frammenti*. Firenze.